A mulher no contexto do Novo Testamento

Antonio Farias de Freitas[1]

Resumo

O presente artigo disserta sobre a mulher no contexto do Novo Testamento. O artigo buscará realizar esse caminho, primeiro analisando a perícope de Jo 2,1-11, na qual delimita o lugar da mulher na narrativa. Depois, expõe o conceito *semeion* e seus paralelos com a literatura veterotestamentária. Por último, analisa o diálogo entre Maria e Jesus e sua interpretação pela comunidade cristã. A metodologia utilizada é a bibliográfica.

Palavras-Chaves: Mãe. Mulher. *Semeion*. Discípula.

Introdução

A leitura de um texto, seja ele qual for, exigirá sempre do leitor uma pré-compreensão de onde foi escrito, por quem foi escrito, para quem foi escrito, para que foi escrito e quais os recursos linguísticos que foram usados. Somente assim, será possível uma leitura na qual o leitor poderá sair enriquecido sem violar a autonomia do texto. Se esse critério é válido para qualquer literatura, mostra-se ainda mais verdadeiro para os Textos Sagrados, uma vez que estes estão enraizados na experiência fundante de uma comunidade concreta, como nos atesta Dreher:

> Os escritos neotestamentários não são relatos objetivos, mas produção engajada. Seus autores selecionaram o material que tinham a sua disposição, optaram por tradições e elaboraram suas redações tendo em vista intenções teológicas e práticas. Todos os escritos neotestamentários foram escritos tendo em vista situações do momento, seus problemas. Isso não vale apenas para as epístolas, mas também para os evangelhos e para os Atos dos Apóstolos. Lembro que os evangelhos e os Atos dos Apóstolos foram redigidos no final do primeiro século (Dreher, 1990, p. 276).

[1] Mestrando no Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: fariaspse@gmail.com.

Visto desse modo, o Texto Sagrado, sobretudo, o texto dos evangelhos, foram escritos para leitores concretos, para que os mesmos pudessem amadurecer suas próprias experiências de fé no seio da comunidade. Assim, os evangelhos, que não são relatos biográficos da vida de Jesus, mas narrativas teológicas, comportam temas e personagens que precisam ser lidos não isoladamente, mas no conjunto da obra. Esta é a maneira como podemos situar a mulher no contexto do Novo Testamento e, de modo especial no IV Evangelho.

Destarte, dentre os quatro evangelhos, "Lucas e João, são os únicos autores a se interessarem por Maria, interesse por ela mesma" (COTHENET, 1988, p. 118). A narrativa joanina das bodas de Caná (Jo 2,1-11), que marca o início do ministério público de Jesus, tem como protagonista a figura de uma mulher, termo que perpassa quase todo o IV Evangelho.

1 Análise da perícope Jo 2,1-11, o lugar da mulher na narrativa.

> **2,**[1] E no terceiro dia um casamento veio-a-ser em Cana da Galiléia, e estava a mãe de Jesus lá.[2] Fora chamado também Jesus e seus discípulos para o casamento.[3] E faltando vinho, diz a mãe de Jesus a ele: Vinho eles não têm. [4] E diz-lhe Jesus: Que para mim e para ti, mulher? Ainda não veio minha hora.[5] Diz sua mãe aos servidores: O que ele disser a vós, fazei-o.[6] Estavam lá seis talhas de pedra conforme a purificação dos judeus deitadas, medindo dois ou três metretas.[7] Diz-lhes Jesus: Enchei as talhas com água. E encheram-nas até em cima.[8] E diz-lhes: Hauri agora e levai ao mestre-sala. Eles (porém) levaram.[9] Quando tinha provado o mestre-sala da água tornada vinho e não sabia de onde era, os servidores porém o sabiam, que tinham haurido a água, chama o mestre-sala o noivo[10] e diz-lhe: Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando ficam embriagados, o inferior. Tu guardaste o bom vinho até agora.[11] Este início dos sinais fez Jesus em Caná da Galiléia e manifestou sua glória e acreditaram nele os seus discípulos[2].

O gênero literário da perícope é narrativo. A principal anotação de tempo está posta logo no início, "No terceiro dia". As indicações de lugar são: Caná, Galileia. As personagens do relato são: a mãe de Jesus, Jesus, seus discípulos, os servidores, o mestre-sala, o noivo, os convidados, os irmãos de Jesus. (MALZONI, 2018, p. 76).

[2] Tradução literal do IV Evangelho, realizada pelo Prof. Iohan Konings, utilizado em sala de aula no ano de 2013.

A análise narrativa segue o esquema quinário proposto por Daniel Maguerat, no qual o texto pode ser dividido em cinco partes:

Jo 2,1-3a – A situação inicial: E no terceiro dia um casamento veio-a-ser em Cana da Galiléia, e estava a mãe de Jesus lá. Fora chamado também Jesus e seus discípulos para o casamento. E faltando vinho,

Jo 2,3b-4 – Nó: Diz a mãe de Jesus a ele: Vinho eles não têm. Diz-lhe Jesus: Que para mim e para ti, mulher? Ainda não veio minha hora.

Jo 2,5-8 – Ação transformadora: Diz sua mãe aos servidores: O que ele disser a vós, fazei-o. Estavam lá seis talhas de pedra conforme a purificação dos judeus deitadas, medindo dois ou três metretas. Diz-lhes Jesus: Enchei as talhas com água. E encheram-nas até em cima. E diz-lhes: Hauri agora e levai ao mestre-sala. Eles (porém) levaram.

Jo 2,9-10 – Desenlace: Quando tinha provado o mestre-sala da água tornada vinho e não sabia de onde era, os servidores porém o sabiam, que tinham haurido a água, chama o mestre-sala o noivo e diz-lhe: Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando ficam embriagados, o inferior. Tu guardaste o bom vinho até agora.

Jo 2,11-12 – Situação Final: Este início dos sinais fez Jesus em Caná da Galileia e manifestou sua glória e acreditaram nele os seus discípulos. O v.12, marca uma mudança de cena com a indicação de que Jesus, sua mãe, irmãos e discípulos desceram para Cafarnaum.

Moloney observa que: "A mulher foi a primeira personagem introduzida na narrativa e é ela que inicia as ações de Jesus com sua declaração: não tem mais vinho" (MOLONEY, 1998, p. 67). Ora, no IV Evangelho, Maria nunca é chamada pelo seu nome próprio, mas por um apelativo: "mulher".

Esse apelativo "mulher" carrega em si um universo de significados:

> Primeiro, a mãe de Jesus tem algo a ver, em primeiro lugar, com a função da mulher do Gênesis (2-3). Ali a mulher é a primeira diferenciada a partir de um 'ada genérico (Gn 2,22-34); é a primeira que coloca palavra nos desejos humanos. É a primeira a chegar ao conhecimento do bem e do mal. É a pessoa que coloca palavra em uma carência e que se submete a uma relação de confronto. É a pessoa que inicia os servidores no conhecimento, e, por isso, eles sabem de onde vem o vinho, com sua palavra que os remete a

> Jesus. Segundo, a exclamação "Mulher!" antecipa o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4, 21): "Acredita-me, mulher: chega uma hora em que...". Se em Caná é Jesus quem estabelece as distâncias com sua mãe, no diálogo com a Samaritana é ela quem interpõe distâncias. A mulher de Caná inicia e a mulher de Samaria amplia. Mulher! Em terceiro lugar, antecipa Jo 19,27. A mulher à qual se dirige Jesus realiza o que ela havia iniciado em Caná e dá forma ao que a mulher de Samaria havia ampliado em sentido de universalidade. Isso se vê no tipo de relação que Jesus propicia entre sua mãe e o discípulo amado: "ele a tomou entre suas coisas", como quando também José, segundo Mateus, tomou Maria por esposa. Mulher! Antecipa também Jo 20,15. O capítulo 20 começa com "o primeiro dia da semana" e a visão do sepulcro vazio. O sepulcro tem uma pedra na entrada, que retirada, deixa ver o vazio. Também em Caná se fala de pedras. Mulher, por que choras? Dizem os anjos. Mulher, a quem buscas?, diz Jesus. Existe ausência, carência. Falta a água, mas existe alusão ao jardim. Também há referências ao verbo "conhecer" (Jo 20, 3.13.14). Em Caná a Mulher diz aos serventes que façam o que Ele lhes disser. A samaritana se encaminha para o povoado e lhes anuncia o que Jesus lhe disse. Maria Madalena anuncia aos irmãos. Maria está relacionada em plano simbólico com outras duas mulheres bem distintas através do termo mulher. É significativo que não tenham nome nem a mãe de Jesus nem a samaritana (PAREDES, 2013, p. 141-152).

2 O conceito de *semeion* e seus paralelos veterotestamentários

No contexto do IV Evangelho, temos uma mudança conceitual com relação aos atos de Jesus, uma vez que para os sinóticos esses atos são nominados por "milagres" indicando uma ação extraordinária realizada por Deus através de Jesus, tendo como pressuposto o dado da fé, por parte daqueles que estão implicados na ação do taumaturgo, o autor do "IV Evangelho por sua vez, optou pelo termo sinal *semeion*, quando a ação não depende do pressuposto da fé, mas serve exatamente para que esta seja assentida por parte daquele que é testemunha da ação de Jesus" (BEUTLER, 2016, p. 21).

Sendo assim, Silva destaca que "a palavra *semeion* tem como função apontar e significar algo, seja no sentido de chamar a atenção, seja na transmissão de um determinado conhecimento" (SILVA, 2020, p. 164). Contudo, permanece ainda em aberto as seguintes perguntas: qual a origem desse conceito e, sua opção pelo

autor do IV Evangelho? Na busca de uma possível resposta, Cothenet, orienta o leitor do IV Evangelho, a olhar mais de perto os textos do Pentateuco, uma vez que neles, aparecem constantemente, os atos de Moisés, e estes, são entendidos como sinais e prodígios realizados por Deus em favor do seu povo (1988, p. 118). Seguindo esse caminho, encontra-se "a ligação do conceito *semeion* com a palavra hebraica *ot* que também significa "sinal e acontecimento"" (SILVA, 2020, p. 164).

O v. 11, que delimita o final da narrativa do primeiro *semeion* em Caná, esclarece ainda mais essa aproximação com os textos do Pentateuco, quando diz: "Este início dos sinais Jesus realizou em Caná da Galileia e manifestou a glória para eles e creram nele os discípulos dele" (Jo, 2,11). "Tais sinais realizados, revelam a glória de Deus aos antepassados" (COTHENET, 1988, p. 138). Esta afirmação corresponde aos homens da geração do deserto, uma vez que, estes, são aqueles que "viram minha glória e os sinais que fiz no Egito e no deserto" (Nm 14,22).

Ao fazer a análise do texto joanino do capítulo 2,1-11, percebe-se que a falta de vinho é o que desencadeia o movimento no interior da narrativa e assume uma função simbólica, uma vez que este, no contexto de uma festa de núpcias[3], "assinala o amor entre o esposo e a esposa, como aparece no Cântico dos Cânticos1,2;7,10;8,2. Nessas núpcias, que representam a antiga aliança, não existe relação de amor entre Deus e o povo" (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 138).

Nesse sentido, a análise do primeiro *semeion* realizado por Jesus em Caná abre para o leitor do texto joanino duas realidades interpretativas: a primeira aproxima-o dos sinais realizados no Antigo Testamento, enquanto que a segunda, indica uma superação dos mesmos na ordem de plenitude, a abundância do tempo messiânico.

3 O diálogo entre Maria e Jesus e sua interpretação pela comunidade cristã

Nas bodas de Caná, Jesus e sua mãe são envolvidos num evento fundante, tanto para ele como para ela. Para ele, desencadeia-se uma sucessão de eventos,

[3] Cf. Os 2,16-25; Is 1,21-23; 49, 14-26; 54; 62; Jr 2, Ez 16.

que o evangelista nomeou de *semeia.* Para ela, dar-se início um processo de discipulado no qual "sua grandeza consiste em descobrir na fé, as exigências do plano divino de apagar-se quando começa o ministério de público de seu filho" (COTHENET, 1988, p. 119), como nos indica o v. 12 da narrativa.

Como é de se supor, uma festa de casamento geralmente é momento de grande importância para uma família e também a oportunidade na qual se reúnem muitas pessoas, como a própria narrativa de Jo 2,1-11 faz notar, pela descrição das personagens em cena. Ronchi, ao interpretar a narrativa das núpcias, observa:

> Na sala da festa, muitas pessoas fazem muitas coisas: há o mestre-sala, os criados, os esposos, os amigos, o grupo dos doze, Jesus e os tocadores. Talvez outros se tenham apercebido de que as ânforas já não circulavam; mas estão como que ausentes, afastados, estranhos: Não me compete intervir, não é comigo (RONCHI, 2006, p.100).

A falta de vinho faz entrar em cena uma personagem protagonista, isto é, a mãe de Jesus, que de acordo com a narrativa, "estava lá", isto é, "A mãe de Jesus pertence às núpcias, ou seja, à antiga aliança[4]. Nota-se o paralelismo de expressões: estava lá a mãe de Jesus (2,1), e estavam colocadas seis talhas de pedras (2,6)" (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 138). É a mãe de Jesus que se apercebe do fatídico de que o vinho veio a faltar, e será ela também a colocar em movimento a possível resolução do problema. O diálogo que se segue, mostra-se quase incompreensível, e encontra muitos paralelos na literatura veterotestamentária, a saber (Jz 11,12; 2Sm 16,10; 19,22; 1Rs 17,18).

Como já assinalamos, o apelativo "mulher", que identifica a mãe de Jesus na narrativa, a vincula à Mulher do Gn 2, 22-34, isto é, a primeira a ter o conhecimento do bem e do mal, como em Caná, apercebe-se da carência do vinho e do mal que isso pode fazer numa festa de núpcias, que em "geral, no Antigo Testamento duravam sete dias (Tb 11,19). " (RONCHI, 2006, p.100).

Estava ali[5] a Mãe de Jesus, é assim que o evangelista a situa na narrativa. Importa perceber que "estava ali com atenção, isto é, com a presteza de perceber

[4] Cf. Jr 31,33-34; 33, 14-22; Ez 36, 22-32.

[5] Maria está presente porque ela própria é o lugar germinal de uma nova humanidade, a "câmara nupcial" onde se abraçam, onde se amam o homem e o seu Deus; uma vez mais, numa atmosfera de alegria, como com o anjo, como com Isabel. Alegria, raiz mariana da fé (RONCHI, 2006, p. 99).

os sinais à sua volta" (RONCHI, 2006, p. 100). Aliás, atenção é o que permite ver o que outros não viram. Sem atenção, a vida transcorre monótona, os detalhes se perdem e com eles também o amor, do qual o vinho é símbolo.

Chama nossa atenção o "fato de ser a mãe de Jesus (mulher), e não a esposa" (BEUTLER,2015, p.15), a tomar a iniciativa de propor uma solução para a falta de vinho. Nesse sentido, ao informar a Jesus "eles não têm vinho" e diante da resposta "o que é isso para mim e para ti, mulher; ainda não chegou a hora minha", permite ver em Maria dois laços fundamentais de vinculação, "é a mãe de Jesus, aquela que gerou o seu Filho para a sua hora; e é a mulher, a esposa fiel, aquela que vive totalmente de Deus (D'ALMEIDA, 2017, p.24).

Considerações finais

Ao interpretar esse diálogo entre Jesus e sua mãe na perícope de Jo 2,1-11,, a comunidade cristã atribuiu a Maria algumas características, segundo nos diz Clodovis Boff:

> Atenta ao curso da festa, ela nota que vai faltar vinho. Misericordiosa, assume o problema dos outros. Mediadora, intervém junto ao Filho em favor dos noivos. Além disso, a mãe de Jesus orienta a atenção de todos em direção ao Messias, que é o verdadeiro "noivo", o grande protagonista de todo o episódio (BOFF, 2006, p. 81)

No IV Evangelho, Maria é aquela que intercede e envolve, por isso se diz que é a discípula perfeita. Um modelo a ser imitado, pois ela indica como deve proceder aquele que crer: "fazei tudo o que ele vos disser", ou seja:

> Fazei o Evangelho, fazei as coisas do Evangelho, fazei-o todo inteiro; realizai o conselho amável, o discurso exigente, a proibição, a bem-aventurança, a proposta arriscada e, até a cruz; e, depois a ressurreição (RONCHI, 2006, p. 104).

Referências

D'ALMEIDA, Bernado Corrêa. Maria, a discípula amada, nos escritos joaninos. **Humanística e Teologia**, v. 38, n. 2, p. 17-29, 2017.

DA SILVA, Nelson Maria Brechó. **A figura de Maria na festa de Caná em Jo 2, 1-11**, v. 24, n. 64, p. 153-170, 2020.

DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por homens, e a mulher na história da Igreja. **Estudos Teológicos**, v. 30, n. 3, p. 273-287, 1990.

MATEOS, Juan; BARRETO, JUAN. **Evangelho de São João**: análise linguística e comentário exegético; Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1999. (Grande Comentário Bíblico).

COTHENET, Edouard. **Os escritos de São João e a epístola aos hebreus**. São Paulo: Paulinas, 1988. - (Biblioteca de ciências bíblicas)

MALZONI, Cláudio Vianney. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018. - (Comentário bíblico)

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas**: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**: Comentário. São Paulo: Loyola, 2016. (Bíblica Loyola, 70).

MOLONEY, Francis J.; HARRINGTON, Daniel J. **The gospel of John**. Sacra página, v. 4. Colleville: Liturgical Press, 1998.

PAREDES, José Cristo Rey García. **Mariologia**: síntese bíblica, histórica e sistemática; tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011.

RONCHI, Ermes. **As casas de maria**: polifonia da existência e dos afetos. São Paulo: Paulinas, 2006.

BOFF, C. **Mariologia social**: o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português** – Volume 1 – Pentateuco / Edson de Faria Francisco. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.